



APRESENTAÇÃO

É com muito prazer que a comissão editorial da *Revista Mulemba* apresenta seu mais recente número, o 16, composto por sete artigos e dedicado inteiramente à teoria pós-colonial.

Como foi anunciado na chamada elaborada pelos organizadores deste dossiê, a teoria pós-colonial, apesar de sua relativa juventude, rapidamente se impôs nos países de língua inglesa como a principal ferramenta epistemológica de combate ao imaginário colonial. No entanto, como também ressaltamos na ocasião, isso não aconteceu de forma passiva, como confirmam as inúmeras críticas que a ela têm sido feitas de diversos quadrantes nos últimos anos e, ainda, algumas apropriações acríticas que obedecem, às vezes, mais a estratégias de mercado às quais as universidades também estão cada vez mais sujeitas, do que a um mergulho efetivo e eficaz nas diferentes configurações de herança colonial.

Por estas e por outras razões, entre as quais podemos incluir a maneira ora residual ora desigual como esta teoria tem sido aplicada nos contextos universitários da América do Sul, a chamada foi elaborada com o propósito de reunirmos artigos que avaliassem e sistematizassem os conceitos, a importância e os impasses dos estudos pós-coloniais, ou, ainda, a relação, nem sempre pacífica, entre os mesmos e as literaturas africanas em língua portuguesa. Deixamos também em aberto, no tal convite à participação, as seguintes questões: qual é a aplicabilidade da teoria pós-colonial em outros campos? É justificado reduzir essa perspectiva às chamadas literaturas periféricas? Até que ponto a colonização continua presente mesmo nas propostas destinadas à descolonização das epistemologias? O que dizer do tempo, da tradução e da apropriação local de teorias e campos disciplinares e teóricos? Qual o papel da novidade na mercantilização dos saberes? Qual é a responsabilidade política dos acadêmicos?

Cientes de que seria muito difícil obtermos respostas a todas estas questões, de que as mesmas suscitam investimentos críticos altamente contrastantes, como aqui se verá, e de que, por tudo isso, a nossa é apenas uma contribuição suplementar para um debate cuja longevidade é assinalável, fato lembrado, aliás, por alguns dos textos que compõem o presente número, aprez-nos, contudo, apresentar os primeiros resultados de nossa empreitada.

A importância de Frantz Fanon para este debate, não apenas pela influência que seu pensamento exerceu nos ensaios que mais tarde se inscreveram na teoria pós-colonial, como também pelas contradições que ele soube antecipar a respeito da imbricação entre poder e saber, é inquestionável. Por isso, abrimos este número temático com o artigo de Rebeca Hernández, que analisa o contexto de edição em Portugal da primeira tradução para a língua portuguesa de *Os condenados da terra*, assim como as motivações sociopolíticas que marcaram sua publicação. A especialista articula sua reflexão a uma entrevista inédita, realizada em 2015, a Vitor Silva Tavares, na qual o responsável da primeira edição portuguesa do clássico de Fanon expõe as circunstâncias em que esta tradução foi editada.

Abertamente crítico, desde o título (“On the particularities of postcolonial studies, or how postcolonialism has become obsolete”), o artigo de Sandra Sousa apoia-se, em primeiro lugar, no argumento de Vivek Chibber, para quem os estudos pós-coloniais não proporcionam uma base adequada para uma teoria de direitos humanos e para uma prática de solidariedade global, em parte por não terem conseguido gerar um pensamento cuja agenda política fosse radical. Posteriormente, a autora apresenta a elaboração de uma nova teoria de literatura-mundo fornecida pelo *Warwick Research Collective* e construída em torno do conceito de “desenvolvimento combinado e desigual.” Na reta final, seu texto propõe uma saída para as limitações dos estudos pós-coloniais.

Apesar de dar voz a alguns críticos e teóricos que assinalam impasses, Elena Brugioni chama a atenção, em “Restos e dobras: permanência e(m) crise da crítica (na) pós-colonial(idade)”, para o potencial de ruptura que abriga a teoria pós-colonial. Assim, após refletir sobre aquilo que os mais cétricos chamam de “morte do pós-colonial”, a autora defende que este campo de pensamento segue inspirando um gesto capaz de favorecer a vigilância e a autocritica de que a prática humanística não pode prescindir.

Sheila Khan, por sua vez, defende que os estudos pós-coloniais se resguardaram em uma esquina mais teórica e mais reflexiva sobre o mundo ao invés de saltarem seus muros intelectuais e sentirem o pulsar da diversidade e da mobilidade do mundo humano. A partir da análise do documentário *Sonhos Lúcidos* de Moçambique, que se liga aqui a uma discussão que ressalta algumas das aporias do “pós-colonial”, a autora propõe, como alternativa a estas últimas, uma contribuição conjunta, mais dialogante e interventiva, que integre os subsídios da chamada pós-memória.

O artigo de Luciano Nogueira procura sistematizar algumas das principais contribuições dos estudos pós-coloniais, em especial aquelas que sondam as relações estabelecidas entre determinados “artefatos culturais” e as dinâmicas de poder da contemporaneidade. Depois de enfatizar algumas conquistas e impasses desta área de estudos, o estudioso sintetiza a proposta de construção de novos paradigmas de emancipação social, elaborada por Boaventura de Sousa Santos.

Partindo do romance *Um estranho em Goa* (2000), de José Eduardo Agualusa, Denise Rocha reflete sobre a complexidade de um tempo – o que se segue à anexação de Goa (1961) – e de um lugar – majoritariamente hindu –, ambos habitados pela reduzida população de “matriz lusófona”. Auxiliada pelas noções de “escritor-viajante” (Pageaux) e de “cultura híbrida” (Bhabha), assim como pelo diálogo com críticos que repensaram questões centrais dos estudos pós-coloniais, como a “identidade pós-colonial” e a “identidade fragmentada”, a autora focaliza as formas de estranhamento encenadas na narrativa.

Finalmente, Sónia Marques opta por explorar o modo como o chamado “Ocidente” se tem relacionado historicamente com a ideia do “Outro”. Para tal, sublinha a importância de alguns conceitos muito caros aos estudos pós-coloniais, como “diferença” e “representação”. Após constatar que um dos campos mais relevantes para a análise das trocas e dos embates interculturais é o dos *media*, a estudiosa discute, por um lado, como os discursos hegemônicos do passado se moldaram aos dias de hoje e, por outro, sugere a forma como certas práticas alternativas emancipatórias e diálogos efetivos podem ser concretizados.

Desejamos a todos uma boa leitura.

Nazir Ahmed Can
Manuela Ribeiro Sanches
Victor Azevedo
Os editores